



MARK J. BODA

# UNGIDO POR DEUS

O EVANGELHO SEGUNDO DAVI



*Ungido por Deus – O Evangelho segundo Davi*, de Mark J. Boda © 2018, Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título *After God's own heart* © 2007 by Mark J. Boda. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

#### Conselho Editorial

Antônio Coine  
Carlos Henrique Machado  
Cláudio Marra (*Presidente*)  
Filipe Fontes  
Heber Carlos de Campos Jr  
Marcos André Marques  
Misael Batista do Nascimento  
Tarcízio José de Freitas Carvalho

#### Produção Editorial

*Tradução*  
Cláudia Vassão Ruggiero  
*Revisão*  
Vagner Barbosa  
Marcelo Figueiredo  
Sandra Couto  
*Editoração*  
Felipe Marques  
*Capa*  
Magno Paganelli

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

---

B662u Boda, Mark J.

Ungido por Deus / Mark J. Boda; tradução Cláudia Vassão Ruggiero. – São Paulo : Cultura Cristã, 2018.

144 p.

Título original: *After God's own heart*

ISBN 978-85-7622-835-6

1. Estudo bíblico 2. Cristo no AT 3. Vida cristã I. Ruggiero, Cláudia Vassão II. Título

CDU-232

---

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORIA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP  
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255  
[www.editoraculturacrista.com.br](http://www.editoraculturacrista.com.br) – [cep@cep.org.br](mailto:cep@cep.org.br)

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas  
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

ad majorem Dei gloriam

*Dedicado a David Christian, por ocasião de seu vigésimo aniversário.*

# SUMÁRIO

---

<i>Prólogo</i> .....	9
<i>Prefácio</i> .....	11
1. Davi e a teologia bíblica .....	15
2. Davi, Abraão e Rute .....	27
3. Davi e a unção.....	37
4. Davi e a aliança .....	45
5. Davi e o governo .....	53
6. Davi e a fé .....	65
7. Davi e a justiça .....	73
8. Davi e a unidade .....	81
9. Davi e o louvor .....	91
10. Davi e o templo .....	99
11. Davi e a fidelidade .....	107
12. Davi e o pecado .....	115
13. Davi e o Messias.....	127
<i>Bibliografia</i> .....	141



## PRÓLOGO

---

O Novo Testamento é latente no Antigo;  
*o Antigo Testamento é patente no Novo.*  
—Agostinho

“Foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a vós outros destinada, investigando, atentamente, qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo e sobre as glórias que os seguiriam. A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as coisas que, agora, vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, coisas essas que anjos anelam perscrutar” (1Pe 1.10-12).

“É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao túmulo; e, não achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.

Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.22-27).

Os profetas procuraram. Os anjos ansiaram ver. E os discípulos não compreenderam. No entanto, Moisés, os profetas e todo o Antigo Testamento já haviam anunciado: Jesus viria, sofreria e seria, por fim, glorificado. No Antigo Testamento, Deus deu início à história cujo final a plateia aguardava ansiosamente. As testemunhas do Antigo Testamento, no entanto, foram

deixadas em suspense. A trama foi apresentada, mas o clímax foi adiado. E a história incompleta suplicava por um final. Em Cristo, Deus propicia o ponto culminante da história do Antigo Testamento. Jesus não veio sem ter sido anunciado; sua vinda foi *antecipadamente* declarada no Antigo Testamento, não apenas em profecias explícitas a respeito do Messias, mas também através das histórias de todos os acontecimentos, personagens e circunstâncias do Antigo Testamento. A história contada por Deus era mais grandiosa, abrangente, coesa. Desde a narrativa da criação encontrada em Gênesis até as últimas passagens sobre o retorno do exílio, Deus revela gradativamente seu plano de salvação. E o registro de tal plano no Antigo Testamento, de alguma forma, sempre apontou para Cristo.

## PREFÁCIO

---

Surpreendentemente, foi em um curso sobre missiologia que me apaixonei pela teologia bíblica. Logo na primeira aula, o professor Harvie Conn nos contou que esse curso específico seguiria um ciclo: um ano para discutir as questões práticas da missiologia e o outro ano dedicado aos fundamentos bíblico-teológicos para as missões. É provável que Conn fizesse isso para tornar o curso mais interessante para ele mesmo, pois ninguém conseguiria (embora talvez fosse aconselhável) cursá-lo duas vezes (quer dizer, a menos que...). Apesar de ter crescido em uma denominação com uma rica herança de missões, o que ouvi naquele semestre me proporcionou a mais rica e profunda base bíblica para missões que eu já vira. O professor Conn nos conduziu em uma jornada panorâmica pelos vales profundos e pelos altos cumes da história da revelação, a fim de nos mostrar que a paixão de Deus por nações é, do início ao fim, a espinha dorsal da história da redenção.

Um de meus últimos encontros com a teologia bíblica em Westminster logo me vem à mente também. Deu-se próximo ao final de meu período no seminário. Meu irmão Matt não havia conseguido frequentar o curso sobre profetas ministrado por Ray Dillard no último semestre. Todavia, pelos boatos subterrâneos de Westminster, ele descobrira que uma de nossas colegas, a Pam, para ser mais preciso, havia gravado todas as cativantes palestras (de fato, eram) que o Dr. Dillard ministrara durante o semestre e estava disposta a emprestar a Matt o material. Meu irmão, com seu espírito corajoso, teve, então, uma ideia. Ele abordaria Bruce Waltke, colega de Ray, e lhe perguntaria sobre sua disponibilidade de supervisioná-lo em um estudo independente sobre os profetas com base nas palestras gravadas de Ray Dillard. Bem, o Dr. Waltke não apenas se encantou com a ideia de supervisionar meu irmão, como também planejou ouvir as mesmas gravações e depois reunir-se com Matt uma vez por semana ou algo assim (há



certa discrepância se os encontros deveriam ser semanais ou com menor frequência) para discutir o conteúdo.

Diante da perspectiva de encontrar-se com seu ex-professor de hebraico intermediário, e ciente de que eu caminhava para uma carreira voltada ao Antigo Testamento e aos estudos da cultura e da língua hebraica, Matt imaginou que seria uma boa ideia se eu me unisse a eles para essas “supervisões” regulares. Decidimos começar o semestre em grande estilo. Convidamos o Dr. Waltke para um café da manhã em um *buffet* do tipo sirva-se à vontade, em um restaurante local. Chegamos todos pontualmente e enchemos nossos pratos de comida. Quando já estávamos sentados e prontos para atacar, o Dr. Waltke comentou que seria bom começarmos a sessão trazendo uma pergunta a respeito das gravações que havíamos ouvido. Meu irmão Matt foi o primeiro (afinal, ele nos havia colocado nessa situação!), e sua pergunta referiu-se ao relacionamento entre Samuel e Elias como profetas. Tudo de que consigo me lembrar são os olhos do Dr. Waltke arregalando-se naquele estilo clássico (como na aula em que houve um corte de energia e sua preleção continuou por mais dez minutos na escuridão, antes que ele se desse conta de que as luzes haviam se apagado), e, como se consultasse anotações no interior das pálpebras, ele começou a revisar a história do profetismo desde Moisés até Jesus, via Samuel, Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Ezequiel, chegando a Zacarias, Malaquias e João Batista. Ficamos ali sentados, um tanto aterrorizados diante da perspectiva de discutir com o mestre temas de tão profunda percepção teológica e imaginando se conseguiríamos comer nossas panquecas, que esfriavam rapidamente. Para falar a verdade, ficamos tão atordoados (pelo menos um de nós), que aquele foi o único encontro daquele semestre. O que experimentei naquele dia, no entanto, foi o poder da teologia bíblica de oferecer coesão aos diversos tipos de literatura e história encontrados na Bíblia. E o que observei naquele dia foi a paixão de um homem que dedicara a vida ao estudo dessa Bíblia.

Esses dois episódios destacam-se como marcadores de uma educação em teologia bíblica que podia ser percebida a cada aula (Longman, Dillard, Groves, Silva, McCartney, Poythress, Gaffin, Ferguson, Barker, Logan, Davis, Ortiz, Bettler, Sibley). Um curso final, entretanto, não pode ser esquecido, principalmente pelo fato de esse professor ter entrado recentemente na presença manifesta do Senhor da história redentora.

Eu sempre tive o desejo de fazer um curso com Edmund Clowney, que foi professor de meu próprio pai em Westminster, no início da década de 60, e a oportunidade surgiu em meu segundo ano, quando o Dr. Clowney

ministrou o curso intensivo “Pregando a Cristo a partir do Antigo Testamento”. Naquelas aulas, fui impactado por aquele professor que nos desafiou a considerar o contexto inquestionável de toda a revelação bíblica: a grande história da redenção, que encontra seu ápice na primeira e na segunda vindas de Jesus Cristo. Éramos encorajados a concluir cada sermão demonstrando a maneira pela qual a verdade da passagem sobre a qual estávamos pregando apontava para o evangelho de Jesus Cristo e nele se cumpria.

Com o passar das semanas, ficamos hipnotizados pela habilidade que esse homem tinha de sempre encontrar um elo com o evangelho, quer pregasse com base em Levítico ou Obadias, Eclesiastes ou Crônicas. Finalmente, um dos alunos fez a pergunta que todos nós ansiávamos fazer, mas nos sentíamos intimidados demais para tal. O aluno preocupava-se com o fato de haver muitas aplicações práticas nas diversas passagens do Antigo Testamento que ele, com frequência, havia negligenciado na pregação do evangelho. De que maneira tal pregação cristológica seria relevante para a vida daqueles que buscavam orientação para as questões cotidianas abordadas por muitas dessas passagens do Antigo Testamento? A resposta do Dr. Clowney, breve, porém gentil, devolveu a pergunta do aluno acrescida de algumas de suas próprias indagações, que parafraseio desta forma: “O que poderia ser mais relevante do que a boa-nova de que Jesus Cristo morreu e ressuscitou? O que poderia ser mais prático do que a nova vida que experimentamos através do sacrifício de Jesus por nós?” Bem, o que se poderia dizer em resposta? O Dr. Clowney estava certo e nos lembrava ali que o contexto inquestionável de todas as passagens bíblicas é a grande história de redenção que não deve perder-se na proclamação cristã dos dias de hoje.

Espero que este livro venha honrar a rica tradição bíblico-teológica que tem distinguido Westminster desde sua origem. Firmado sobre os ombros de grandes homens como Conn, Waltke e Clowney, que, por sua vez, firmaram-se sobre outros gigantes, como Vos, Young e Machen, esforço-me para interpretar a antiga história de Davi à luz do evangelho de Jesus Cristo. Por esse privilégio, sou grato aos meus ex-professores, Tremper Longman e Al Groves. A amizade duradoura de Tremper ao longo dos anos e a firmeza paciente de Al, em meio ao sofrimento, estenderam a influência de ambos para muito além das salas de aula, onde primeiro despertaram minha imaginação para a literatura do Antigo Testamento.

Enquanto escrevo este livro, desfruto da hospitalidade e da amizade de meus sogros, David e Ruth Rambo. Não apenas seus nomes prenunciam os personagens principais da história que este livro delineará; suas vidas

também personificam os valores que nos desafiam a viver como o descendente de Davi, Jesus Cristo. Tendo isso em vista, bem como o constante encorajamento e apoio de ambos ao seu genro como acadêmico cristão durante os oito anos de graduação e, agora, há treze como professor, quero lhes expressar publicamente minha admiração.

Providencialmente, agora que concluo o prefácio deste livro, aproxima-se o vigésimo aniversário de meu filho mais velho. Seu nome, David Christian, não apenas resume os temas centrais deste livro, mas também expressa minhas mais profundas esperanças para sua vida. Minha oração por você, David, é que os temas bíblicos apontados por este livro possam tornar-se realidade na sua vida, à medida que você buscar nosso Salvador, o filho de Davi, Jesus, o Cristo. Que você seja, de fato, um homem segundo o coração de Deus (1Sm 13.14).

*Ego ex eorum numero me esse profiteer qui scribunt proficiendo, & scribendo proficient.*

Agostinho, Cartas 153.2,  
via João Calvino

## DAVI E A TEOLOGIA BÍBLICA

---

**E**le se destacava entre a multidão que se amontoava próximo à Porta do Monturo, na extremidade sul da Cidade Velha de Jerusalém, longos cabelos loiros e olhos de um azul profundo, vestindo uma túnica branca esvoaçante, com uma coroa na cabeça e uma harpa nas mãos. Sua rotina era tocar algumas músicas e, em seguida, convidar os turistas para uma visita guiada ao monte do templo e ao bairro judeu. Esse “rei Davi” dos tempos modernos baseava-se na imagem ocidentalizada do rei do passado com o objetivo de ganhar alguns trocados na cidade tomada por peregrinos. Era uma imagem que eu conhecia bem, extraída das figuras e Bíblias ilustradas usadas na escola dominical da minha infância.

Ao mesmo tempo, em um sítio arqueológico em Tel Dan, cidade da tribo de Israel que antigamente localizava-se no extremo norte, uma descoberta espantosa era anunciada à mídia. Os arqueólogos haviam encontrado um monólito – monumento de pedra com inscrições – datado de meados do século 9º a.C. As letras compunham treze linhas escritas em aramaico, com a seguinte frase próxima ao ponto central da inscrição: “casa de Davi”. O texto relatava fatos surpreendentemente semelhantes ao massacre de Jorão e Acazias, registrado em 2Reis 9. As letras antigas identificavam Acazias como rei da casa ou dinastia de Davi. A inscrição provocou certa euforia, pois era a mais antiga comprovação da existência de uma dinastia que se originava em um personagem chamado Davi.<sup>1</sup>

Esses dois eventos do Israel dos tempos modernos nos trazem à mente, logo de início, ao menos dois retratos de Davi encontrados nos dias

---

<sup>1</sup> Outras referências extrabíblicas a Davi também foram identificadas na Inscrição de Mesa (às vezes chamada Pedra Moabita), de meados do século 9º a.C., e em uma lista do Faraó Shoshenk I (final do século 10 a.C.).

Veja também I. Provan, V. P. Long, e T. Longman III, *A Biblical History of Israel* (Louisville: Westminster John Knox, 2003), 194.

de hoje. Há uma imagem contemporânea de Davi, forjada ao longo de um milênio de história judaico-cristã, através da arte antiga, medieval e moderna, e que hoje encontra-se impressa na visão de nossa mente coletiva. Ao mesmo tempo, temos a imagem histórica de Davi, aquela que tem sido reconstruída a partir de vestígios arqueológicos e de textos do antigo Oriente Próximo, e esquadrinhada através da perspectiva científica dos acadêmicos modernos. Essas duas imagens, contemporânea e histórica, raramente coincidem.

Há, no entanto, outra imagem de Davi, imagem que, às vezes, se sobrepõe às citadas acima. É o Davi do cânon, ou seja, a imagem teológico-literária de Davi nos textos bíblicos. Sabemos que alguns elementos dessa representação de Davi acabaram moldando a imagem contemporânea que fazemos dele, embora muitos aspectos dessa imagem reflitam imposições modernas inapropriadas. É certo que o Davi canônico está relacionado ao Davi histórico, embora se comprove haver muito mais na história de Davi do que o registro encontrado hoje na Bíblia. O objetivo deste livro, todavia, é oferecer a você, leitor, um retrato teológico do Davi da Bíblia, fundamentado em seu contexto histórico e relevante ao nosso contexto contemporâneo, que expresse um testemunho teológico de Deus e de seus objetivos redentores em nosso mundo.

Algumas pessoas esperam um livro que defenda o Davi histórico contra o ataque das abordagens minimalistas, segundo as quais Davi nada mais é que um mito literário.<sup>2</sup> Embora seja um exercício legítimo, não será esse o enfoque deste livro.<sup>3</sup> Outros estão em busca de sermões instantâneos que ofereçam acesso rápido e fácil a Davi, para o consumo popular. Embora este livro venha demonstrar de que forma a apresentação canônica de Davi pode influenciar, e realmente influencia a vida contemporânea, tal conclusão se baseará em um contato paciente com o texto bíblico que, espero, lançará os fundamentos para uma série de sermões ou estudos bíblicos.

---

<sup>2</sup>J. Van Seters, *In Search of History: Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History* (New Haven: Yale University Press, 1983); J. W. Flanagan, *David's Social Drama: A Hologram of Israel's Early Iron Age* (JSOTSup 73; Sheffield: Sheffield Academic, 1988); J. Van Seters, *Prologue to History: The Yahwist as Historian in Genesis* (Louisville: Westminster John Knox, 1992); T. L. Thompson, *Early History of the Israelite People: From the Written and Archaeological Sources* (SHANE 4; Leiden: Brill, 1992); P. R. Davies, *In Search of "Ancient Israel"* (JSOTSup 148; Sheffield: Sheffield Academic, 1992).

<sup>3</sup>Veja as respostas de W. G. Dever, "Archaeology, Urbanism and the Rise of the Israelite State", em *Urbanism in Antiquity: From Mesopotamia to Crete*. W. E. Aufrecht, N. A. Mirau, e S. W. Gauley (orgs.) (JSOTSup 244; Sheffield: JSOT Press, 1997), 172-93; B. Halpern, *David's Secret Demons: Messiah, Murderer, Traitor, King* (Grand Rapids: Eerdmans, 2001).

## DAVI E A TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

Nossa jornada pelo tema teológico de Davi no Antigo Testamento terá início em um lugar que muitos consideram improvável: o Novo Testamento. Com isso, esperamos oferecer um mapa teológico que guie os leitores cristãos às vistas panorâmicas da teologia do Antigo Testamento.

Pouco se questiona que uma atenção considerável é dedicada ao rei Davi nas páginas no Novo Testamento. Ele é citado como uma imponente figura do passado na grandiosa história redentora de Israel (Mt 1.6,17; 12.3; 22.43; 45; Mc 2.25; 12.36-37; At 7.45; 13.22; Hb 11.32). Como figura do passado, ele é fonte de autoridade, seja através de revelação (Mc 12.36; At 1.16; 2.29-30; 4.25) ou do exemplo (Lc 6.3-5; Hb 11.32). Ele também é claramente identificado como a origem da linhagem real e da esperança messiânica para Israel no tempo de Jesus (Mt 22.42; Mc 11.10; 12.35), uma esperança que os seguidores de Cristo identificaram em Jesus, que foi chamado filho de Davi (Mt 1.1, 20; 9.27; 12.23; 15.22; 20.30-31; 21.9, 15; Mc 10.47-48; Lc 1.27). Essa evidência preliminar demonstra a importância de Davi para a comunidade cristã primitiva. Suas palavras e exemplo foram fundamentais para o início da comunidade cristã, mas de que formas eram aplicados?

Em primeiro lugar, Cristo é visto como o filho de Davi, aquele que cumpriu a esperança messiânica, que restabeleceu a linhagem davídica. Esse fato está evidente na passagem inicial do Novo Testamento na forma como se apresenta hoje, pois Mateus 1 enfatiza as raízes davídicas de Jesus, bem como seu nascimento em Belém, cidade natal de Davi. Tal ênfase nas raízes davídicas de Jesus pode ser observada em Romanos 1.3 (“o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi”) e Hebreus 1.5 (cf. 1.8-13). Hebreus 1.5 baseia-se claramente tanto no salmo 2 – que anuncia a ascensão do rei davídico ao trono – quanto em 2Samuel 7, passagem que expressa o acordo pactual firmado entre Yahweh e a casa de Davi. Esse elo inicial entre Jesus Cristo e Davi é claro para muitos, mas é fácil não lhe dedicarmos a devida atenção. É importante perceber que nossa apropriação da história davídica somente é possível através do vínculo essencial entre Cristo e Davi.

O segundo elo, contudo, muitas vezes passa despercebido aos cristãos. Em 2Coríntios 6.18, o apóstolo Paulo faz uma alusão clara à mesma passagem de 2Samuel 7 que observamos ter sido usada em outro momento para criar um elo entre Jesus e Davi. Nesse exemplo, no entanto, há uma variação sutil. Enquanto 2Samuel 7.14 diz: “eu lhe serei por pai, e ele me será por filho”, em 2Coríntios 6.18 Paulo muda a afirmação para “serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas”. Aqui, o apóstolo faz duas

coisas. Primeiramente, torna plural a promessa pactual davídica original (“filhos”), indicando referir-se a uma comunidade. Em segundo lugar, inclui homens e mulheres (“filhos e filhas”), uma declaração significativa na antiga era patriarcal. Ao fazê-lo, Paulo está revelando que a aliança davídica agora repousa sobre a comunidade de Cristo como um todo, que passa a fazer parte da linhagem de Davi, como vice-regentes de Deus na terra.

Isso é muito importante para que nos apropriemos da imagem e da tradição de Davi no Antigo Testamento. Quando nos deparamos com Davi no Antigo Testamento, precisamos vê-lo como um tipo do Messias vindouro; o papel que ele desempenha em Israel revela o papel que sua descendência messiânica cumpriria. Sob certa perspectiva, esse dado é verdadeiramente histórico-redentivo, ou seja, o papel de Davi pode ser desempenhado somente pelo Cristo, de uma forma única e singular. No entanto, o Novo Testamento também sugere que em Cristo, e através dele, nós, como comunidade, passamos a fazer parte da aliança davídica e, de certa forma, também cumprimos a função de Davi.

A razão pela qual compartilho isso no início do livro é oferecer a você, leitor, a estrutura teológica que lhe permitirá apropriar-se da imagem e da tradição davídica no Antigo Testamento em sua vida como cristão. Ao ser confrontado com os vários aspectos dessa tradição, você deve ponderar, primeiramente, como eles antevêm Cristo e nele se cumprem. Ao fazê-lo, no entanto, você é impelido pelo testemunho do Novo Testamento a refletir de que forma esses vários aspectos podem se tornar uma realidade para os que partilham do nome de cristão, isto é, pequenos Messias.

Esses dois movimentos hermenêuticos, um deles histórico-redentivo e o outro ético-redentivo, encontram eco em 2Timóteo 3.14-17 – o encorajamento do apóstolo Paulo ao jovem Timóteo para que adote o Antigo Testamento como as Escrituras normativas para sua vida e seu ministério cristão. Segundo Paulo, os textos do Antigo Testamento são “sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”, ou seja, servem de testemunho da grande história redentiva que culmina em Jesus, o Filho de Davi. Paulo acrescenta que esses mesmos textos (“toda Escritura”) são “inspirados por Deus” e “úteis para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”, ou seja, atuam como testemunho da grande ética divina da redenção expressa no corpo de Cristo (a igreja) e movida pelo Espírito de Cristo.

Observe como a história e a ética redentoras são extraídas da “Escritura”, uma tradução da palavra grega *graphē*, que se refere aos registros

escritos do cânon do Antigo Testamento. Essa é a chave para nossa presente empreitada teológica. Neste estudo, não nos guiamos pela história reconstituída com base nesses textos (e outras fontes) nem pelas representações evidentes nas expressões contemporâneas. É o retrato de Davi preservado no contexto do testemunho canônico que nos guia em nossa reflexão. Esse testemunho impositivo nos compele a não apenas refletir, mas também responder em palavra e ação ao Davi das Escrituras.

## DAVI E A TEOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO

Agora que lançamos um fundamento para nossa apropriação da imagem de Davi à luz do Novo Testamento, surge a necessidade de também considerarmos uma questão interpretativa essencial da teologia do Antigo Testamento. Uma das questões básicas que persegue a apresentação de Davi no Antigo Testamento é se o reinado como instituição foi iniciado ou permitida por Deus para Israel.<sup>4</sup> Voltamos nossa atenção a esse ponto agora.

### *O reinado segundo o coração dos israelitas*

Embora não seja a primeira menção a reinado encontrada no Antigo Testamento, 1Samuel 8 é, provavelmente, a primeira passagem citada por aqueles que discutem o tema do reinado. O capítulo descreve uma cena do final da carreira do grande líder Samuel. Quando o povo se aproxima de Samuel pedindo um rei que os governe, o velho líder se aborrece profundamente e pede ao Senhor discernimento de sua vontade. A resposta de Deus é perturbadora: “Atende à voz do povo em tudo quanto te diz, pois não te rejeitou a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre ele. Segundo todas as obras que fez desde o dia em que o tirei do Egito até hoje, pois a mim me deixou, e a outros deuses serviu, assim também o faz a ti” (1Sm 8.7-8).

A princípio, a preocupação de Samuel e a resposta do Senhor sugerem que ele não considerava a monarquia uma mudança benéfica para Israel. Pode-se inferir, portanto, que, quando o rei tornou-se uma função legítima em Israel, ela se relacionava mais à vontade permissiva de Deus do que à sua vontade intencional (ele permite, mas essa não era sua intenção). No entanto, um olhar mais atento ao pedido dos Israelitas e à resposta de Deus coloca em cheque essa conclusão preliminar.

---

<sup>4</sup>A distinção aqui baseia-se nas afirmações sobre o divórcio feitas por Cristo em Mateus 19. Ali, Jesus declara que a lei mosaica “permitiu” o divórcio, mas “não foi assim desde o princípio” (v.8). Pode-se distinguir, então, entre a vontade permissiva de Deus e sua vontade inicial.